De olho na safra sul-americana

A Bolsa de Chicago tem refletido a quebra das safras norte-americana, chinesa, russa e da União Européia, em 1995, e os danos causados pela seca às safras brasileira e argentina, este ano. Assim, os preços internacionais subiram, principalmente em dezembro, levando o produtor brasileiro a plantar mais do que o esperado. A menor produção porém impedirá que se repita a receita obtida em 1995 (US$3,8 bilhões), pois se exportarão menos grão, farelo e óleo.

A safra brasileira deste ano está sendo estimada, por diversas fontes, ao redor de 22 milhões de toneladas, cerca de 13% abaixo dos 25,4 milhões do ano passado. O número, em verdade, retoma as avaliações dos prognósticos iniciais, que enfatizavam como a descapitalização dos agricultores iria obrigá-los a diminuir tratos culturais. Se o clima atrapalhasse, a situação se agravaria. A redução das estimativas deveu-se aos acontecimentos climáticos no Rio Grande do Sul, que esteve bem seco quase todo o segundo semestre do ano passado, e em Santa Catarina. Nos demais estados, as chuvas foram regularizadas no fim do ano e em nenhum deles a situação chegou a ficar preocupante.

Em razão do atraso no plantio, provocado pelo clima e pelas dificuldades de recursos do ano passado, o Rio Grande do Sul deixa de ser o maior produtor brasileiro de soja.

A regularização pluvial no Sul do Brasil, no mês de janeiro, provocou esfriamento na Bolsa de Chicago; no entanto, a indefinição sobre a evolução da safra argentina, igualmente afetada pela estiagem e que talvez não ultrapasse os 12,2 milhões de toneladas colhidos há um ano, limita o movimento de recuo da bolsa. Em fevereiro, o Departamento de Agricultura dos EUA — USDA — baixou sua previsão para a produção argentina de 12,5 milhões para 12,3 milhões de toneladas.

A sojicultura gaúcha poderá perder cerca de 25% da colheita, algo em torno de 1,5 milhão de toneladas. O estado colheu 5,98 milhões de toneladas, em 1994/95, e a recuperação das chuvas, em janeiro, embora tenha permitido o replantio, não aumentou as estimativas de produção. De fato, a Emater/RS chega a calcular a safra em apenas 3,8 milhões de toneladas.

Assim, a atenção da bolsa concentra-se no que acontece no Rio Grande do Sul e na evolução do clima na Argentina, sabendo-se que a demanda mundial permanece firme. Novos desfalques na oferta sul-americana poderão elevar as cotações em Chicago. A partir de março, contudo, começam a exercer influência sobre o mercado as estatísticas do USDA referentes à próxima semeadura dos EUA. O sojicultor, portanto, deve avaliar com cuidado o quanto esperará para vender.

Em razão do atraso no plantio, provocado pelo clima e pelas dificuldades de recursos do ano passado, sabe-se que será menor do que a normal a quantidade de soja colocada no mercado até o mês de março. É justamente em terras gaúchas, que este ano perderão o primeiro lugar entre os produtores do país, que se localiza o maior atraso.

Em termos de comercialização interna, no início de janeiro calculava-se que ainda restavam à venda aproximadamente 700 mil toneladas da safra 1994/95, como *herança* de todos os problemas do ano passado, que levaram a que o governo federal recebesse 4,7 milhões de toneladas de soja em operações de equivalência-produto. O governo renegociou parte considerável desse estoque e vendeu quase todo o restante em dezenas de leilões (reiniciados em 10 de janeiro).

As cotações internas começaram a recuar, em janeiro, com a proximidade do ingresso das primeiras partidas da safra nova. Assim, em 31 desse mês, cotou-se o produto por R$13,80/60kg, em Passo Fundo, Rio Grande do Sul, e R$14,00/60kg, em Cascavel, Paraná. Um mês antes, os preços eram, respectivamente, R$15,00/60kg e R$14,80/60kg.

FERNANDO ROBERTO DE FREITAS ALMEIDA